

FORMAS DE TRATAMENTO DE PORTUGUÊS COMO DESIGNAÇÃO DO OUTRO E DE
SI: PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO E TRANSPOSIÇÃO DIDÁCTICA.

Maria Helena de Araújo Carreira
Universidade Paris VIII

Resumo

A designação do outro ou de si próprio constitui uma zona incontornável na aprendizagem de qualquer Língua. O sistema das formas de tratamento do Português, nomeadamente europeu, é de grande complexidade, não só quanto às formas e seu funcionamento morfossintáctico, mas também-e sobretudo-quanto à adequação dessas formas ao contexto. É numa perspectiva linguística e comunicativa que se procurarão elucidar algumas especificidades do “tratamento” em Português europeu, com vista à facilitação do seu ensino/aprendizagem.

Résumé

La désignation de l'autre ou de soi-même constitue une zone incontournable dans l'apprentissage de n'importe quelle langue. Le système des formes d'adresse du Portugais, notamment le Portugais européen, est très complexe, tant pour ce qui est des formes et de leur fonctionnement morphosyntaxique que pour ce qui est l'adéquation de ces formes au contexte. C'est dans une perspective à la fois linguistique et communicative qu'on cherchera à élucider quelques-unes des spécificités du “tratamento” (de l'adresse) en Portugais européen, en vue de faciliter son enseignement/apprentissage.

FORMAS DE TRATAMENTO DE PORTUGUÊS COMO DESIGNAÇÃO DO OUTRO E DE SI: PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO E TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA.

A designação do outro ou de si próprio reenvia para um fenómeno linguístico e comunicativo que todas as Línguas partilham, enquanto instrumento de representação e de comunicação. Para além das categorizações linguísticas, dos paradigmas e das combinatórias disponíveis em cada língua, o envolvimento pragmático, com a sua ancoragem sociológica, psico-social, relacional, desempenha, através de regras complexas um papel de relevo nas escolhas linguísticas e discursivas de designação.

A designação, enquanto atribuição de um signo a um referente, pode ser mais ou menos directa, isto é, a relação entre o referente e o signo pode ser encarada como biunívoca — é o caso do nome próprio — ou como pluriunívoca. Lembre-se a representação, através de um eixo onímico, segundo a Teorização de Bernard Pottier (1992), do grau do carácter imediato ou mediato de designação. Esse eixo permitirá situar as designações “imediatas” e as designações mediatas num contínuo de possibilidades. A passagem seguinte de *Sémantique Générale* apresenta claramente esta questão: «L’expression “il faut appeler un chat un chat” révéle cette intuition que les entités ont une désignation privilégiée, **immédiate**, dans une situation, un environnement bien déterminés. [...] Ces désignations immédiates (sans opération intermédiaire intentionnelle) sont des ORTHONYMES. La *céphalée* sera l’orthonyme pour le médecin, le *mal de tête* pour le malade. [...] À partir du moment où l’énonciateur “prend ses distances” vis-à-vis de l’orthonymie, il a recours à des opérations qui demandent un certain temps, et la désignation devient médiante». (B. Pottier, 1992, p. 123).

A designação do outro ou de si próprio, como a designação de qualquer entidade, seja ela animada ou inanimada, real ou imaginária, pode ser imediata ou mais ou menos mediata. Assim sendo, o leque das possibilidades de auto-designação e de hetero-designação é variável, podendo ir de orthonímia do nome próprio ou da forma de tratamento adequada, a a circuitos discursivos inesperados. Temos pois, do ponto de vista do falante numa língua, paradigmas disponíveis para escolhas discursivas, resultantes da sua apropriação da língua.

Do ponto de vista do aprendente numa língua estrangeira, será necessário não só desenvolver competências de designação nessa língua, mas também habilidades discursivas e comunicativas. No que diz respeito à designação do outro e de si próprio, a competência linguística e discursiva *stricto sensu* terá de associar-se a uma competência comunicativa, integradora de sensibilidade ao contexto.

A língua materna e eventualmente a(s) outras língua(s) do aprendente terão, como se sabe, os seus modos de designação e os seus funcionamentos comunicativos próprios, mas também partilharão outros com a nova língua a aprender.

No que diz respeito às formas de tratamento do português, nomeadamente europeu, apresentam especificidades que constituem zonas de difícil aprendizagem, mesmo para falantes de línguas maternas tipologicamente próximas, como é o caso das línguas românicas.

Metodologicamente, convirá distinguir três grandes tipos, consoante a pessoa (EU, TU, ELE/ELA) designada. Assim, o tratamento elocutivo designará o locutor (EU/NÓS) — auto-designação — o tratamento delocutivo designará aquele de quem se fala (ELE(S)/ELA(S)) — hetero-designação —, o tratamento alocutivo, designará por seu turno aquele a quem se fala (TU/VÓS) — hetero-designação em situação interlocutiva. É este último conjunto — tratamento alocutivo — que suscita maiores dificuldades e, mesmo num estágio avançado de aprendizagem do português, hesitações persistentes. Ora, como sabemos, a designação do locutário é um dos reguladores da interacção verbal de maior importância.

Os principais estudos desenvolvidos sobre as formas de tratamento do português têm na sua origem interrogações ligadas ao emprego dessas formas por locutores estrangeiros. Lembre-se a este propósito o estudo de Harri Meier (1951) sobre a “sintaxe do tratamento” em que

português que suscitou a obra de referência de Luís Filipe Lindley Cintra (1972) Sobre “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa, o estudo comparativo de John B. Jensen (1981), as teses de doutoramento defendidas nos Estados Unidos, ver Sandi Michele de Oliveira Medeiros (1985), na Alemanha, ver Gunther Hammermüller publicação de 1993), em França, ver Maria Helena Araújo Carreira (tese de 1995, publicação em 1997).

É, comefeito, para além da dificuldade levantada pela variedade das formas e da sua combinação com outros sub-sistemas de funções deícticas afins (possessivos, demonstrativos, advérbios de lugar), as dificuldades que mais parecem persistir estão ligadas à adequação da forma de tratamento escolhida ao contexto, à interacção verbal, à regulação da distância interlocutiva (ver a noção de “proxémica verbal” desenvolvida em Maria Helena Araújo Carreira, 1997, bem como as reflexões sobre figuração de Joaquim da Fonseca, 1994, e a obra de referência de Catherine Kerbrat Orecchioni *Les interactions verbales*, em especial o 2º volume, de 1992).

O complexo sistema das formas de tratamento do português, sensível a diferentes hierarquias (idade, parentesco, sexo, categoria social e profissional) pode ser comparado com línguas orientais, como por exemplo o japonês (ver Catherine Granier, 1994), partilhando esse tipo de sensibilidade ao contexto. Os morfemas honoríficos das línguas orientais não encontram uma equivalência morfológica no português, mas traço conceptual HONORIFICAÇÃO é-lhes comum (ver John B. Jensen, 1981).

Além das diferentes hierarquizações denotadas pelas formas de tratamento, há que considerar também a regulação do grau de familiaridade ou de distância que essas formas permitem. Em estudo desenvolvido sobre esta questão (Maria Helena Araújo Carreira, 1997, cap. 2) proponho dois eixos organizadores do conjunto das formas de tratamento: um eixo vertical, reunindo as diferentes hierarquizações, um eixo horizontal, correspondendo ao grau de distância ou de familiaridade expresso (ou sugerido). As características morfológicas e morfossintáticas das formas (pronomes, nome, morfologia verbal, forma tónica ou átona) são tomadas em conta e organizadas a partir das suas funções sintáticas (sujeito, vocativo, complemento...). A singularização ou a pluralização da entidade designada (alocutário, locutor, entidade de quem se fala) deve também ser considerada, assim como o género feminino ou masculino. Reproduz-se aqui o quadro relativo ao tratamento alocutivo apresentado na obra referida (p.68) que permitirá visualizar a organização do conjunto das principais possibilidades de designação alocutiva (cf. quadro na página seguinte).

A escolha de situações prototípicas de comunicação permite integrar as formas de tratamento adequadas (por exemplo, tu, ocê, Ø, a senhora Maria, a dona Maria, a senhora Dona Maria, a senhora drª Maria, a drª Maria, o senhor António, o senhor Marques, o senhor António Marques, o senhor dr. Marques, o dr. Marques, o dr. António), tendo em conta nomeadamente o grau de distância/familiaridade existente entre os interlocutores, as hierarquizações manifestadas, o local da interacção, outros eventuais intervenientes, etc.

Para além dos casos de adequação a situações prototípicas de comunicação (ex. professor/aluno, cliente/empregado, médico/paciente, diálogo entre dois desconhecidos...), no seio da mesma interacção verbal, os interlocutores podem recorrer a diferentes formas de tratamento, de modo a regularem o grau de distância interlocutiva. Esta utilização das possibilidades oferecidas pela língua portuguesa, nomeadamente na sua variante europeia, permite matizar a designação do outro de si próprio, contribuindo para construir a própria interacção verbal, modulando hierarquizações e distanciamentos, organizações textuais e orientações argumentativas.

As formas de tratamento deverão ser postas em relação com outros subsistemas da língua particularmente vocacionadas para a regulação da relação interlocutiva, como as formas linguísticas de delicadeza e os marcadores discursivos interlocutórios (ex. ai sim!; veja lá!; pois (pois); agora!).

As formas de tratamento, como formas privilegiadas de designação do outro e de si próprio, são formas particularmente aptas, em combinação com outros conjuntos de formas de modalização a construir e a regular as interações verbais, mas também a construir imagens do outro e de si próprio. O terreno das realizações discursivas é pois vasto, não se limitando a interações verbais, mas abrangendo para além de discursos orais, discursos escritos diversos, sejam eles de domínios profissionais, da imprensa, textos literários (ver Ruth Amossy, 1999).

Quem designam, como designam, que representações suscitam, que relações comunicativas instauram as formas de tratamento do português? Um largo campo investigativo e de transposição didáctica fica assim esboçado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth (sous la direction de). Images de oi dans le discours. La construction de l'éthos. Lausanne - Paris, Delachaux et Niestlé, col. Sciences des discours, 1999.

CARREIRA, Maria Helena Araújo. Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais. Louvain - Paris, Peeters, col. Bibliothèque de l'Information grammaticale, 37, 1997.

CARREIRA, Maria Helena Araújo e BOUDOY, Maryoume. Le Portugais de A à Z. Paris, Hatier, 1993 (tradução e adaptação italiana: Milão Hoepli, 2000)

CINTRA, Luís Filipe Lindley. Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa. Lisboa, Livros Horizontes, 1972

FONSECA, Joaquim. Pragmática Linguística. Introdução, teoria e descrição do Português. Porto, Porto Editora, Col. Linguística, 5, 1994.

HAMMERMULLER, Gunther. Die Anrede im Portugiesischen. Eine sociolinguistische Untersuchung zu Anredkonventionem des gegenwärtigen europäischen Portugiesisch. Chemnitz, Nov Never Verlag, 1993.

JENSEN, John B. "Forms of address in Brazilian Portuguese: standard European or oriental honorifics?" in Bernard H. Bichakjan (ed.), From linguistics to literature: romance studies offered to Francis Milliet Rogers (pp.45-60). Amsterdam, John Benjamins, 1981.

KEMBRAT - ORECCHIONI, Catherine. Les interactions verbales (tomes 1, 2, 3). Paris, Armand Colin, 1990, 1992, 1994.

MEDEIROS, Sandi Michele de Oliveira. A model of address form negotiation: a sociolinguistic study of continental Portuguese (Dissertation). Austin, Texas: University of Texas.

POTTIER, Bernard. Sémantique générale. Paris, Presses Universitaires de France, col. Linguistique nouvelle, 1992.